

AULA 6: 21/10

(1) Aristóteles, *Ética Nicomaquéia* III 2, trad. Marco Zingano:

Todo ato feito por ignorância é não voluntário, mas é involuntário o que produz aflição e arrependimento, pois quem fez algo por ignorância, em nada se sentindo incomodado quanto à ação, não agiu voluntariamente, na medida em que não sabia, mas tampouco involuntariamente, na medida em que não se aflige. Assim, de quem age por ignorância, parece agir involuntariamente quem se arrepende; quem não se arrepende, visto que é diferente, que seja dito não voluntário; com efeito, visto que difere, seria melhor ter um nome distinto.

(2) Aristóteles, *Ética Nicomaquéia* III 3, trad. Marco Zingano:

Sendo involuntária a ação realizada por força ou por ignorância, o voluntário parece ser aquilo (i) cujo princípio reside no agente (ii) que conhece as circunstâncias particulares nas quais ocorre a ação.

(3) Heródoto, *Histórias* III.80, trad. Maria de Fátima Silva:

Otanes propôs que a todos os Persas em geral fossem confiados os assuntos do Estado, falando nestes termos:

— “A mim, parece-me bem que um só homem deixe de ser o senhor absoluto de todos nós, pois isso nem é agradável, nem bom. E, de facto, todos aqui presentes não só viram a que ponto chegaram os excessos de Cambises, como acabaram agora de testemunhar os excessos do mago. Como é que alguma vez poderia a monarquia ser uma instituição bem organizada, se lhe é permitido fazer o que quiser, sem prestar contas? E penso que porventura até o melhor dos homens, com todo esse poder, ficaria fora dos limites do seu juízo habitual. Gera-se um excesso de orgulho pelos bens de que se dispõe e cresce a inveja, própria da natureza do homem desde que ele existe. Tendo estas duas características, o rei possui todas as más qualidades que pode haver: farta-se de praticar actos insensatos, uns por já ter cometido excessos até à saciedade, outros por inveja. De facto, um homem dado à tirania não devia conhecer a inveja, uma vez que tem todos os bens; mas é

precisamente o contrário que grassa nas suas relações com os cidadãos — inveja os melhores enquanto vivem e estão à sua beira, e regozija-se com os piores, sempre pronto a dar ouvidos às calúnias. Uma das suas atitudes é o que há de mais absurdo: se se é comedido na admiração que se lhe manifesta, ele fica zangado por não ser lisonjeado com mais entusiasmo; se se lisonjeia com mais entusiasmo, fica zangado por se julgar adulado. E falta ainda o aspecto mais importante, que vou agora referir: ele não só adultera os costumes dos antepassados, como também violenta as mulheres e até condena à morte sem prévio julgamento. Ora, quando o povo governa, esse poder tem, antes de mais, o mais belo de todos os nomes — isonomia; em segundo lugar, de todas as coisas que um monarca faz, nenhuma existe em isonomia: é por sorteio que se recebe cargos públicos, exerce-se o poder prestando contas, todas as deliberações são expostas à comunidade. Exponho-vos, pois, a opinião de que, recusando a monarquia, é o povo que devemos exaltar, porque é em comum, na unidade de todos, que tudo deve estar.”